

Comité de Representantes



ALADI

Asociación Latinoamericana
de Integración
Associação Latino-Americana
de Integração

APROVADA
NA 544 a. Sessão

ALADI/CR/Ata 542
(Extraordinária)
10 de novembro de 1994

ORDEM DO DIA

O Comitê de Representantes recebe a visita do Exce-
lentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores da
República da Venezuela, Miguel Angel Burelli Rivas.

Preside:

IGNACIO VILLASENOR

Assistem: Noemí Gómez e Gustavo Adolfo Moreno (Argentina), Roberto Emilio
Finot (Bolívia), Hildebrando Tadeu Nascimento Valadares e María
Nazareth Farani Azevedo (Brasil), Antonio Urdaneta Guerrero
(Colômbia), Augusto Bermúdez Arancibia e Leopoldo Durán Valdés
(Chile), Eduardo Cabezas Molina (Equador), Ignacio Villaseñor,
Juventino Balderas e Dora Rodríguez Romero (México), Efraín Darío
Centurión e Alfredo Núñez (Paraguai), Guillermo Fernández-Cornejo
Cortés e Efraín Saavedra Barrera (Peru), Néstor G. Cosentino
(Uruguai), Germán Lairer, Antonio Rangel e Ariel Vargas (Vene-
zuela).

Secretário-Geral: Antonio José de Cerqueira Antunes.

Secretário-Geral Adjunto: Juan Francisco Rojas.

Secretário-Geral Adjunto: Isaac Maidana Quiebert.

sm



PRESIDENTE. Senhores Representantes, damos início à sessão extraordinária 542 para receber com especial alegria o Senhor Ministro das Relações Exteriores da Venezuela.

Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Doutor Miguel Angel Burelli Rivas, Senhores Representantes Permanentes, Senhor Secretário-Geral, Senhores Observadores, senhoras e senhores:

Para este Comitê de Representantes é uma grande honra e grata oportunidade receber a visita do ilustre Chanceler da Venezuela, infatigável e apaixonado promotor da integração de nossa América Latina.

Em sua fecunda trajetória política e acadêmica, sua tese e afazeres latino-americanistas encaminharam-se à consecução de um espaço econômico latino-americano na unidade e apoiado no patrimônio histórico-cultural comum e inequívoca vocação democrática.

Testemunham sua profunda dedicação latino-americana e seu firme compromisso com a integração regional, tanto o ofício político e diplomático como seu trabalho no ensinamento e na promoção do ideário integracionista aos que Vossa Excelência consagrou grande parte de sua vida. É exemplar o trabalho que desenvolve através do Instituto de Altos Estudos da América Latina da Universidade Simão Bolívar, de Caracas. Com suas próprias palavras, cito: "a integração é em si mesma uma cultura. Além disso, não tem, por enquanto, alternativa no cenário mundial, seja que comece pela complementação fronteiriça, seja que se inicie com acordos além da bilateralidade, referentes às prioridades do entendimento político ou à satisfação de necessidades concretas, é uma força da história que não se pode deter."

Seu pensamento, Senhor Ministro, está apoiado na velha vocação latino-americanista e integracionista da Venezuela e está em plena concordância com o ideário bolivariano.

É amplamente reconhecida sua contribuição para a concepção e estruturação do Grupo Andino, a partir do Acordo da Cartagena, do qual Vossa Excelência foi inspirador.

Nos últimos anos a integração regional vem evoluindo, impulsionada pela vigorosa expansão dos acordos bilaterais ou plurilaterais, gerando mudanças e abrindo uma nova fase para o processo regional, cujo crescente dinamismo coloca, como é natural em todo processo evolutivo, novos desafios, em especial a necessidade de articular e fazer converger os entendimentos bipartitas e multipartitas para um esquema multilateral que assegure, ao mesmo tempo, um programa de liberalização comercial com calendário de desgravação automática e o aperfeiçoamento de um quadro normativo regional que facilite o intercâmbio em condições de transparência e segurança e que contemple acordos referentes a normas de origem, salvaguardas, incentivos às exportações, práticas desleais de comércio, sistema regional de solução de controvérsias, além de outros.

Paralelamente, está em andamento a mais importante reorganização da economia internacional de nosso tempo. As mudanças já são uma realidade e

sm



delas derivam desafios para a região e seu processo de integração econômica.

A multiplicação de laços de interdependência favoreceu a dinâmica da economia global. A interação, cada vez maior entre as economias das regiões e entre as economias das nações, dá novas forças às relações comerciais internacionais.

A América Latina não tem estado alheia a esta profunda transformação do sistema econômico internacional. A abertura comercial e a reforma econômica na maioria de nossos países contribuem para impulsionar a inserção da região nas correntes do comércio e dos intercâmbios mundiais. Desta forma, a integração latino-americana recebe o impacto benéfico da abertura para o mundo, evidenciando que o processo regional de integração e a internacionalização de suas economias são perfeitamente compatíveis e não excludentes. Pelo contrário, a internacionalização imprime maior vitalidade e força à integração econômica regional.

Neste contexto, nossa Associação enfrenta uma de suas mais transcendentes tarefas. Por um lado, a de integrar em um projeto multilateral sem exclusões cada uma das peças que configuram o quadro da integração. Por outro, impulsionar o relacionamento da região com o mundo.

Em impecável congruência a Venezuela realizou o que predica com tanta energia e disso dão fé sua ativa participação no Grupo Andino, a profunda interação econômica e fronteiriça com a Colômbia, um de seus vizinhos próximos, o papel que desempenha no Grupo dos Três e a multidão de acordos bilaterais com seus parceiros da ALADI.

Com sua habitual lucidez latino-americanista e exercendo autoridade moral, histórica e política, que emana de seu caráter de precursor na luta pela unidade e pela integração latino-americana, a Venezuela vem propondo, para beneplácito geral, a urgência de fazer um esforço constante para tornar realidade, através da articulação e convergência, uma zona de livre comércio como prelúdio do mercado comum latino-americano previsto no Tratado de Montevideu 1980. Esta é, Senhor Ministro, uma iniciativa que suscita nosso mais amplo reconhecimento e solidariedade, pela qual queremos manifestar, por seu intermédio, nossa admiração e gratidão a seu Governo.

Vossa presença nesta Casa da Integração Latino-Americana nos alenta e estimula, certos de que em Vossa Excelência temos um aliado comprometido e um lutador denodado em favor da causa que promove esta Associação.

Em nome do Comitê de Representantes e no meu próprio, Senhor Ministro, apraz-me dar a Vossa Excelência as mais cordiais boas-vindas e nosso reconhecimento pelas significativas e valiosas contribuições de Vossa Excelência em favor da unidade e integração da América Latina. Muito obrigado.

Ofereço a palavra ao Senhor Secretário-Geral.

SECRETARIO-GERAL. Senhor Ministro Miguel Angel Burelli, é para nós, funcionários da Secretaria, grande satisfação e grande honra receber Vossa Excelência nesta Casa, pelo que representa, por seus extraordinários dotes

sm



pessoais e pela amizade e consideração que sabemos dedica a esta Casa e a seu papel no processo de integração.

Vossa Excelência, por suas características pessoais e por suas altas funções, representa um povo, que sem renunciar a sua rica identidade, sempre foi e continua sendo um tenaz lutador pela integração latino-americana; e o faz considerando a integração em toda sua dimensão: a dimensão humana, a dimensão cultural, a dimensão econômica, a dimensão social e a dimensão política.

A Venezuela, graças a suas características de amálgama de raças, de razões e geografias, vem desempenhando importantíssimo papel na criação do que Darcy Ribeiro chamou um novo homem, uma nova sociedade que estamos criando no planeta. Além disso, Senhor Ministro, nem a Venezuela nem Vossa Excelência esquecem a face material do desenvolvimento humano. Sabemos que a Venezuela e Vossa Excelência estão empenhados em aspectos importantíssimos dos afazeres econômicos que, em particular, está preocupado pela integração energética, pelo aproveitamento dos recursos humanos, pela transformação competitiva de seu país e da América Latina.

Senhor Ministro, estamos vivendo agora uma etapa muito importante da integração, uma etapa de progresso. As características são concretas; já não são uma utopia. Vemos um comércio entre nossos países que já supera os 23,5 bilhões de dólares, que cresce espetacularmente a taxas superiores a vinte por cento ao ano. Assistimos à eclosão de um movimento, há três anos, em que os empresários estão passando por uma expansão transfronteiriça, não só para o comércio, senão também para criar diversos tipos de associações para participar dos processos de privatizações. Estamos também assistindo, Senhor Ministro, a uma trama de acordos. As resoluções e os acordos estão indicando uma grande possibilidade de uma quase totalidade de acordos bilaterais de livre comércio para ao redor do ano 2005. Se consideramos o MERCOSUL, o Grupo Andino, o Chile e o México em seus movimentos e em seus compromissos, chegamos a esta conclusão. Além disso, Senhor Ministro, estamos assistindo à integração cidadã, à integração profunda, cultural. Proliferam as reuniões dos vários segmentos de nossas sociedades: os professores, os reitores, os cientistas, os tecnólogos, os empresários. Dentre de tudo isso, Senhor Ministro, queremos salientar o papel desta Casa no processo de articulação de todas essas tendências e esses fatos integracionistas.

Mais uma vez, Senhor Ministro, queremos garantir que esta Secretaria, todo seu pessoal, está a sua inteira disposição para apoiá-lo na nobre causa de Vossa Excelência pela integração. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Obrigado, Senhor Secretário-Geral.

Permita-me oferecer-lhe a palavra, Senhor Ministro.

MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPÚBLICA DA VENEZUELA (Miguel Angel Burelli Rivas). Excelentíssimo Senhor Presidente, Excelentíssimos Senhores Representantes, Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral, Secretário-Geral Adjunto, distintos amigos, nesta Casa me acontece algo que me faz lembrar uma anedota do Presidente Reagan, de um indivíduo ancião que morreu na inundação de seu povoado e chegou ao Céu e começou a pedir a São Pedro a

em



oportunidade de explicar às outras personalidades que havia ali o que tinha sido a inundação de seu povoado. Depois de tantas perguntas, São Pedro fez uma reunião com todas as almas que havia no Céu e o apresentou e lhe disse: "Bem, já tem a oportunidade de falar. Quem está na primeira fila é Noé." Isso sinto eu, que não sou senão um peão da política integracionista no coração mesmo dos que sabem tudo sobre a integração. Os senhores são Noé e venho falar-lhes do dilúvio. Poderão então entender a modéstia de minha atitude frente aos senhores, que vão corrigir cada palavra que diga sobre integração. Porque disso não tive senão um sentimento, uma aproximação de homem político e uma gestão de diplomata, tudo isso em uma só casa, no desejo, um pouco intuitivo em mim de procurar o bem-estar das multidões.

Atrevo-me a isto que os senhores fazem com tanta propriedade e técnica como um ser humano transido de preocupação, por estes simples fatos; que as multidões, as massas, são demasiado fracas para serem temidas, mas demasiadamente numerosas para ser esquecidas; e a única maneira que temos os políticos, os homens que fazemos de alguma maneira o governo é procurar que essas multidões, crescentes em seu número e em sua pobreza, tenham acesso ao bem-estar que a integração deve garantir ao multiplicar os bens e diminuir os custos.

Quando este projeto da ALADI se iniciou, no ano de 80, manifestei com a extroversão que me caracteriza na Cátedra, que era um retrocesso sobre o plano original da ALALC, que de repente quis, com mais romantismo do que pragmatismo, reunir em um momento os onze países para um projeto que não entendia a maior parte deles. E quando o ritmo foi atenuado pela crise da mal chamada "década perdida" - não há décadas perdidas -, quando atenuou o ritmo e transformou-se em ALADI, pensei que tinha mudado a integração pela convergência e que voltávamos para uma bilateralidade disfarçada. Agora posso dizer aqui que a articulação e a convergência que saem daqui eram o que tinha razão, e que por aqui devemos começar.

Todos os projetos que fracionadamente nas sub-regiões tentamos, "verbi gratia" o Pacto Andino, é hoje uma complementação fronteiriça entre a Venezuela e a Colômbia fundamentalmente; está avançando da Colômbia para o Equador, mas é, fundamentalmente quase dois bilhões de dólares de intercâmbio Colombo-Venezuelano, o fato mais notável que tem a integração em nossa região.

De maneira que houve muita sabedoria quando foi baixado o perfil e a arrogância da ALALC, que acreditou que a utopia ia andar de rodas imediatamente, e foi circunscrita a isto, que é o sábio, de articular e fazer com que confluam os projetos. Precisamente, como manifestou o Senhor Presidente, com muita oportunidade e generosidade, a Venezuela gostaria de que na Cúpula Hemisférica de Miami houvesse uma decisão sobre a convergência dos diferentes programas de integração; essa convergência deveria ter sua sede na ALADI, que é o Organismo idôneo para colocar-nos a todos em condições de tornar real a ilusão de todos os povos.

Hoje temos circunstâncias tão diferentes e não obstante menos diferentes das que teremos amanhã, mesmo no tempestuoso e ao mesmo tempo atrativo processo de mutação de tudo, que não podemos, como na figura de Heráclito, pensar em banhar-nos amanhã nas mesmas águas do mesmo rio, porque não serão iguais.

sm



Devemos atuar, neste tempo de atrativa improvisação e fascinação, improvisando no caminho. Daí a importância de todas as previsões que tomaram os senhores e que as expressaram aqui muito bem o Presidente e o Secretário-Geral da Organização, quando manifestam que aquele economicismo tão fechado, tão "cepalino" que teve o projeto original da ALALC foi transformado para dar feição humana à integração. Disso era, preferentemente, do que queria falar-lhes na minha breve intervenção, quando penso que a integração tem que ser, como está começando-se a fazer, no aspecto dos interesses do ser humano; ou seja, uma integração antropocêntrica. Por que? Porque a frialdade das cifras e dos termos fez com que caducasse rapidamente o projeto da ALALC e que nos cansássemos da referência exclusiva a tarifas, gravames, pacotes e terminamos acreditando que o homem e a sociedade tinham sido reduzidos exclusivamente a cifras. Daí que, a aparição do MERCOSUL e a conversão da ALALC em ALADI constituem uma humanização esperada e, ao mesmo tempo, uma racionalização da integração. Na ALADI, porque vai para a convergência, vai para a articulação precisa, não tem nem a presunção nem a arrogância com que começou a ALALC e permite fazer as coisas parcialmente, colocando em harmonia os interesses não somente sub-regionais mas bilaterais, e o MERCOSUL porque descobriu um modelo de integração que poderíamos chamar solidária, que tendo como modelos dois fatos maravilhosos da América Latina, como é a OPEP, criação venezuelana, para pôr em sintonia todos os países exportadores de petróleo na defesa de seus preços, criou uma imagem diferente da solidariedade. E o outro projeto que levou a América para o cenário mundial foi o direito do mar moderno, que nasceu nos países do sul do Pacífico americano. Brincando de tremendismo, pedimos as duzentas milhas ou pediram as duzentas milhas de mar territorial que pareceu uma enormidade e um sacrilégio para as grandes potências, que falavam das três milhas, e as médias potências e aos países comuns e mortais, que tínhamos falado de doze milhas e terminamos em duzentas milhas de direitos econômicos exclusivos, que é um dos portentos da humanidade atual.

Assim, com base em um critério de solidariedade se arma o MERCOSUL, que vem a ser o complemento do que a ALADI chegou a propor: a articulação e a convergência dos interesses e dos projetos.

Através dos Protocolos do MERCOSUL se trata separadamente cada matéria sem que o risco do "pacotismo", que caracterizou a ALALC, inclusive ao Mercado Comum Centro-Americano, possa em um momento prejudicar toda a estrutura pelo tropeço que se encontre em um aspecto parcial do projeto. A separação dos temas no MERCOSUL, através dos Protocolos, garante a realização prática da integração solidária, e cada projeto terá o andamento e o êxito que a comunidade de interesses das partes tiverem. E isso é, segundo meu parecer, um modelo do que é a integração prática, com possibilidades de um sucesso assegurado.

Hoje, falar de integração poderia ser comum. Quando, há trinta anos em Bogotá, como Embaixador, propus a integração e demos nascimento, com o apoio do Presidente Lleras Restrepo, a quem homenageio, pela sua lucidez. Em meu país, o menos apropriado então para a integração, porque tinha uma espécie de mercado cativo e pequeno, manejável pelos interesses dos dones de bens raízes transformados acidentalmente em industriais, considerou-se uma heresia todo projeto que fizesse competir os produtos venezuelanos com os produtos de outro país, elaborados com uma mão de obra escrava. E na

em



minha aventura política praticamente fui julgado por alguns setores como um desertor do sentimento patriótico. Por isso a satisfação que sinto e que me fez sentir o Embaixador Hallsteen, da Alemanha, um dos criadores da União Européia e do Mercado Comum Europeu, quando me disse: "Ao falarmos os políticos de integração, há tantos anos, olhavam-nos com receio os empresários. Agora, os empresários transformaram-se em donos da integração e não nos vêem, não lembram os políticos". E isso tem que ser o papel dos políticos, dar as condições, juntar as pessoas, facilitar os negócios e depois ser esquecidos; mas, vale a pena o esquecimento se se contribuiu de alguma maneira para que a humanidade tivesse uma dose de bem-estar maior.

Então, a integração está no ânimo de todo o mundo. Diria que se os Estados quisessem detê-la, a integração arrasaria com os Estados. Por isso é importante que essa força - agradeço muito ao Presidente a citação que fez das minhas palavras - que essa força que não pode ser detida da história seja em cada momento, deste tempo mutante, atualizada. Atrevi-me a dizer a meus alunos que a integração seria indestrutível se pudéssemos ensiná-la desde o primeiros anos da educação, e se em todos os demais níveis, educação primária e secundária, os textos comuns fossem iguais; refiro-me aos conhecimentos de geografia, de ciências naturais, se fossem textos semelhantes que vão identificando um escolar com outro através da capa, ainda que seja desses textos. Se da televisão se fizesse uso apropriado, que não foi feito, para criar os vasos comunicantes de interesse e de conhecimento.

Um dos fatores mais difíceis de vencer na integração - e estou fazendo uma afirmação Truista - é o receio que há entre as pessoas que não se conhecem. Os seres humanos apenas percebem que além das fronteiras há outros seres humanos iguais, bípedos e implumes, cessa o temor e começa o processo da confiança, que é o fundamento de todo o entendimento. Dante disse que o princípio do amor é o conhecimento e isso não mudou desde a Idade Média; não se pode querer às pessoas que não se conhece. Daí que a ofensiva que a integração moderna deve fazer é sobre as consciências, aproveitando o mais extraordinário recurso que ao longo de toda a história criou a técnica do homem: os meios de comunicação. Não há revolução maior do que a dos transistores e não obstante todo o mundo considera que a evolução industrial, a Revolução Francesa e a Revolução Russa foram uma grande coisa. Nenhuma revolução mudou tanto o conceito da vida e das coisas como esse pequeno aparelho de transistores, que permite a cada homem, por ignorante que seja, inserir-se no mercado comum da informação e ouvir nomes que nunca suspeitou, que há fome e guerra na Somália, que invadiram o Haiti, que as pessoas morrem por ódio incompreensível em Ruanda, que há discriminação novamente na Europa, que há perigos diferentes dos que eram as guerras seculares, porque há pequenos Estados que pode comprometer a paz mundial e por isso os chamam de Estados-arma, que têm recursos suficientes para criar uma perturbação, que começando em uma região do mundo, possa ser uma perturbação universal. E, essas pessoas que não tem que instalar seu aparelho em nenhuma tomada e que não necessitam um atestado de educação primária, descobrem que há um mundo que é uma mesma coisa e adquirem um sentimento confuso de solidariedade, que está mudando tudo. Não é por milagre que o muro de Berlim caiu em paz; não deve surpreender-nos que a União Soviética se desintegrou em paz e não deve seguir-nos maravilhando que os árabes e israelitas estejam falando de paz, nem que o Senhor Mandela, após vinte e sete anos, esteja propondo a paz a sua atribulada

sm



nação, de maioria negra; e não deveria surpreender-nos que o "milagre americano" da democracia, como objetivo, como meta, tenha-se dado finalmente, que é nossa contribuição para as maravilhosas mudanças da história.

Então, temos que utilizar esses recursos e aproveitar a alavanca da educação para que a integração seja um estado de consciência, seja uma civilização, como dizíamos, seja a cultura de agora para sempre.

Sei que a ALADI teve muitas dificuldades e considere extraordinário o manejo que lhe foi dado na última reunião de Chanceleres, à qual lamentavelmente não pude assistir, para resolver o problema do Protocolo Interpretativo do Tratado de Montevideu 80. E creio que essa versatilidade para vencer os problemas tão pontuais como o que se apresentou então, que fez os Senhores trabalharem extraordinariamente, será colocada a prova com os mesmos projetos que estão em funcionamento e que a natureza íntima desta Organização tem inspirado: a articulação e a convergência. Pronto começaremos a falar da maneira como vão se combinar, nessa espécie de corredor aéreo, os demais projetos que existem sobre a mesa, que de uma ou de outra maneira estão aproximando-se, que devem aproximar-se e que devem coincidir um dia. O "dia está próximo" para parodiar Barba Jacob, deve coincidir em um enorme mercado universal.

Creio que estamos no caminho, o que os senhores fizeram, o que todos os projetos de hoje contemplam. Vejam que já em 1966, com a Carta de Bogotá, de 14 de agosto, tínhamos sugerido uma forma de aproximar-nos, através da cultura e da educação, ao drama do homem habitante da sub-região andina, e como resultado dessa preocupação nasceu o Convênio Andrés Bello, que é insólito em um processo de integração; surgiu o projeto Hipólito Unanue, insólito; surgiu o Acordo Simão Rodríguez, insólito; e surgiu o Programa, que um dia será convênio, José Celestino Mutis, já no movimento ecológico deste tempo. De maneira que a integração é uma nova maneira de governar o mundo, mas governá-lo com as pessoas nele, em uma situação em que todos os meridianos passam pelo coração do homem.

O drama atual da América é de natureza social. Esta manhã falava com o Presidente e lhe manifestava: "Tudo é social". Esmeramo-nos em dar um tratamento e um lustre ao tema econômico e temos criado uma linguagem mimética da economia que desconcerta os que não somos economistas quando nos falamos do quantum e do PTB, e o produto interno bruto e o per cápita e as pessoas se deslumbram no início porque é a profissão e a atividade de língua mais mimética de todas as que existem. Mas tudo no fundo é referente ao homem. E hoje é o mandato de uma realidade, porque o que a América Latina fundamentalmente deve arrumar é o problema de sua população, de sua marginalidade, de sua falta de destino e de movimento migratório, que determinou que imensas massas de população rural que tinham "status" no campo, quando vão para as cidades atraídas pelas luzes que os encandilam, perdem como seres humanos e como sociedade o "status" e passam a ser "lumpen" ou marginalidade, com tudo o que isso significa de perigo, na fome, é terrorismo e na delinquência em todas suas formas. Vejo nisto o maior problema da segurança hemisférica. Já a segurança hemisférica não nos reclama um novo TIAR; entrou em colapso com as Malvinas e aconteceu isso porque tinha perdido o sentido. Superada a guerra fria, tendo em vista as realidades reais, pode dizer-se, por agora, que a segurança deve estar dirigida ao coração de cada uma das nossas nações, onde há uma bomba de

sm



tempo, que é a falta de educação, a falta de destino, a falta de saúde, a falta de justiça e a falta de habitação. A habitação chegou a alcançar em nossos países uma conotação da mesma proporção que a da educação e da saúde, porque se refere ao lar e à família, que foi destruída na maior parte de nossos países. De modo que quando falamos de que há que salientar o social e aproveitar a integração para tirar benefícios e multiplicá-los, estamos pensando em que o urgente é primeiro, o prioritário é primeiro. Levamos à Cúpula de Miami esta preocupação e acreditamos que a Cúpula Social de Copenhague, de abril, dará oportunidade de que se estude a fundo a procura de uma solução universal que atenda o drama humano em sua própria fonte.

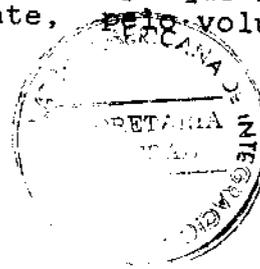
Quero referir-me, para finalizar, a uma preocupação do Senhor Presidente Caldera, que, como os senhores sabem foi quem teve coragem para assinar o Acordo de Cartagena, que oficializou nossa presença no Pacto Andino e quem tem uma posição integracionista definitiva e irrevogável.

O Senhor Presidente Caldera considera que na situação atual da América, conhecida a vastidão das jazidas e depósitos petrolíferos da Venezuela, que é muito maior do que se conhecia e conscientes de que a América do Norte, concretamente os Estados Unidos, tem um déficit importante de energia, através dos organismos regionais deve articular-se um compromisso energético e que a Venezuela assuma a responsabilidade de garantir a energia de todo o hemisfério em, pelo menos duzentos anos a partir de agora. A isso nos dá direito a feliz circunstância de ter umas reservas provadas quantiosas, medidas que podemos citar sem vaidade, porque não colocamos nada de nosso trabalho nisso; é um presente da Natureza, mas, deve estar a serviço da humanidade. Por isso queremos assumir o compromisso de ser os fornecedores de energia, de energia petroleira para todo o hemisfério.

Isto deveria ser um motivo de sossego para a humanidade americana, já que lhe permitiria não ter que depender de fontes distantes, conflitivas, embora de regiões que estão configurando hoje um clima de paz, mas onde sempre é possível visualizar algum problema político.

Estamos muito empenhados em que a ALADI seja reforçada. Acreditamos que tudo o que vem passa por aqui e que os senhores demonstraram que é o instrumento idôneo de todas as atividades futuras. E para isso valeria a pena estudar o quadro normativo comum, rapidamente, digo, o quadro normativo comum sobre a base da Rodada Uruguai e prever o que já aparece no horizonte, que são as novas formas do protecionismo. Quem inventa a lei deve prever também a manha. Quando a Organização Mundial do Comércio começar a funcionar, serão levantadas muitas barreiras protecionistas disfarçadas de direitos humanos, de princípios ecológicos, sobre o qual se está criando uma espécie de fundamentalismo. Já nós, país pequeno, tivemos dois choques com estas novas formas disfarçadas de protecionismo; fecharam-nos a porta ao atum com o argumento de que matamos um delfim inominosamente e nos quiseram rejeitar a gasolina reformulada com o argumento de que contamina o ambiente, apesar de ser mais pura do que a gasolina que se refina no mercado que a rejeitou. E somos talvez o primeiro país que fará uso de um painel do GATT para denunciar essas novas formas de protecionismo. Possivelmente nos siga o Japão e já é diferente a situação, porque nós não assustamos ninguém, por nosso tamanho, mas possivelmente, pelo volume

sm



de suas atividades e da importância de seu novo papel no mundo, o Japão pode sim criar problemas, ao atilizar como segundo o painel do GATT.

Estamos ativos em todos as frentes da integração e consideramos que o G3, que é uma esperança projetada sobre o Caribe com três países que têm responsabilidade sobre a aérea, vencerá as dificuldades atuais que já se nos apresentaram nas discussões sobre temas muito pontuais: de têxteis, de calçado e de produtos petroquímicos. Acreditamos que do papel da apresentação de uma programa de cooperação energética ou de integração energética hemisférica, os organismos que criou a integração para manejar estes temas, como são este mesmo, OLADE e ARPEI, terão muito para fazer. Mas, insisto, a nova integração deve continuar passando pelo homem e para passar pelo homem deve educá-lo. Temos que criar interesses humanos para a integração; fazer com que cada criança de nosso hemisfério sinta que a integração é a nova história, é a nova geografia, é a nova humanidade, é o ponto de referência e é a meta de um esforço conjunto, que somente através dos meios de comunicação e da educação bem aproveitada podemos alcançar.

Com estas palavras finalizo minha excessivamente longo palavreado, um pouco impróprio, porque sou profano, simplesmente com o sentimento que tenho, com a percepção que tenho na ponta dos dedos do que significa juntar-se para crescer juntos, produzir mais para vender mais barato e conhecer-nos mais para que os "próximos" sejamos próximos, porque "próximo" quer dizer próximo, mas não tem sido podido realizar essa proximidade. Muito Obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Senhor Ministro Burelli.

Concluimos esta sessão extraordinária e convidamos o Senhor Ministro para um brinde em sua honra. Muito obrigado, Senhores Representantes.

Encerra-se a sessão.

ES COPIA FIEL DEL ORIGINAL


ANTONIO J. C. ANTUNES
Secretario General

sm

